



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 23/03/2018 a 29/03/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
23/03/2018	10,28	377,90	31,42	4,60	3,77
26/03/2018	10,25	375,00	31,46	4,54	3,74
27/03/2018	10,19	372,40	31,58	4,49	3,74
28/03/2018	10,18	371,30	31,62	4,45	3,73
29/03/2018	10,44	384,00	31,87	4,51	3,87
Média	10,27	376,12	31,59	4,52	3,77

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	75,85	1,23
RS - Santa Rosa	75,25	1,05
RS - Ijuí	75,25	1,05
PR - Cascavel	73,61	1,67
MT - Rondonópolis	69,26	1,26
MS - Ponta Porá	68,60	-0,29
GO - Rio Verde (CIF)	67,00	-0,59
BA - Barreiras (CIF)	68,66	-0,06
MILHO		
Argentina (FOB)**	185,60	-0,96
Paraguai (FOB)**	178,00	-1,11
Paraguai (CIF)**	226,70	-0,35
RS - Erechim	41,85	-0,36
SC - Chapecó	41,10	-0,96
PR - Cascavel	37,80	-2,58
PR - Maringá	38,45	-1,66
MT - Rondonópolis	29,00	0,00
MS - Dourados	33,90	-0,29
SP - Mogiana	38,50	-3,51
SP - Campinas (CIF)	40,77	-3,73
GO - Goiânia	36,80	-0,54
MG - Uberlândia	36,10	-1,10
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	620,00	7,83
RS - Santa Rosa	615,00	7,33
PR - Maringá	710,00	0,00
PR - Cascavel	715,00	0,00

Período entre 23/03/2018 a 29/03/18

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra no dia 04/10/2017.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 29/03/2018

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	33,26	70,75	32,77

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 29/03/2018

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	34,48
Feijão (saco 60 Kg)	130,13
Sorgo (saco 60 Kg)	21,33
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,16
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	0,95
Boi gordo (Kg vivo)*	4,81

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

O movimento das cotações da soja em Chicago, nesta semana, precisa ser dividido em duas partes. A primeira, até quarta-feira (28) inclusive, mostrou um mercado com viés de baixa, dando continuidade ao processo iniciado dias atrás. Tanto é que o fechamento daquele dia ficou em US\$ 10,18/bushel. A segunda parte se dá na quinta-feira (29), após o anúncio do relatório de intenção de plantio e de estoques trimestrais, posição 1º de março, feito pelo USDA. O relatório, na intenção de plantio, surpreendeu o mercado, anunciando um recuo de 1% na área a ser semeada com a oleaginosa nos EUA, neste ano. Ora, o mercado, em boa parte, esperava um crescimento de 1% a 2% pelo menos. Imediatamente as cotações reverteram a tendência e passaram a subir, mesmo com os estoques ficando 21% superiores há um ano atrás. Assim, o fechamento desta véspera de feriado (29/03) ficou em US\$ 10,44/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 10,29 uma semana antes.

Quanto a intenção de plantio, o recuo de 1% na área a ser semeada significa que a mesma poderá atingir a 36,02 milhões de hectares, contra uma expectativa média do mercado de que a mesma chegasse a 36,8 milhões. A diferença não é grande, mas no curto prazo serviu para aquecer as cotações.

Quanto aos estoques trimestrais de soja, na posição 1º de março, o aumento de 21% sobre a mesma data de 2017 significa que o volume atual é de 57,4 milhões de toneladas, contra 55,6 milhões esperados pelo mercado e 47,3 milhões registrados em igual período do ano passado. Portanto, baixista!

Diante de tais números, a questão que se coloca é: em relação ao plantio, quem está com a razão, os analistas privados ou o governo dos EUA? Se for este último, o mercado poderá continuar trabalhando, nas próximas semanas, entre US\$ 10,00 e US\$ 11,00/bushel. A área efetivamente semeada com a safra de verão, nos EUA, será oficialmente anunciada apenas em 29 de junho próximo. Caso a prática do plantio demonstre uma área maior do que a intenção oficial, as cotações tendem a retornar para patamares entre US\$ 9,50 e US\$ 10,00/bushel. Além disso, não se pode ignorar que logo mais Chicago dará atenção para os altos estoques anunciados.

Dito isso, a partir de agora a variável clima nos EUA entra em cena e passa a ganhar mais força nas análises, pois a colheita na América do Sul, em andamento, salvo surpresas, já está precificada. Ora, com esta área anunciada na intenção de plantio, qualquer problema climático nos EUA tenderá a puxar para cima as cotações. E sabemos que o período de meados de abril a fins de junho é particularmente sensível às especulações climáticas em Chicago.

Por outro lado, a ameaça de retaliação da China sobre produtos dos EUA, após o início do taxaço estadunidense sobre o aço e o alumínio, por enquanto não está atingindo a soja. Tanto é verdade que as exportações da oleaginosa estadunidense tem acelerado, mesmo em época que o mercado asiático dá preferência ao produto sul-americano. Neste sentido, as vendas líquidas de soja, no ano comercial 2017/18, atingiram a 759.000 toneladas na semana encerrada em 15/03. As mesmas foram consideradas boas apesar de ficarem 33% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para o ano comercial 2018/19 as exportações atingiram a 140.000 toneladas. O somatório exportado nos dois anos ficou dentro das expectativas do mercado.

Mas não se pode esquecer que os EUA têm na China o comprador de cerca de 60% de suas exportações de soja em grão. Além disso, importadores chineses já estão fazendo planos alternativos de importação caso as medidas de retaliação venham a atingir as compras de soja nesta disputa comercial entre os dois países.

Enquanto isso, na Argentina, a Bolsa de Buenos Aires voltou a reduzir a estimativa de colheita da soja, estabelecendo agora um volume final de 39,5 milhões de toneladas para o vizinho país.

Vale ainda destacar que, durante a semana, a análise grafista pesou sobre o mercado na medida em que o contrato de maio, em Chicago, ficou abaixo do nível de US\$ 10,24/bushel, valor que representa a média móvel dos últimos 50 dias. Isto levou a um volume considerável de vendas de contratos, puxando para baixo o valor do bushel (cf. AgResources).

Já no Brasil, com o Real se desvalorizando um pouco mais e batendo na casa dos R\$ 3,32 por dólar, os preços da soja se mantiveram firmes, pois o câmbio compensou o recuo em Chicago ocorrido durante boa parte da semana (no dia 29/03 o mercado cambial trabalhava com R\$ 3,30 por dólar).

Assim, a média gaúcha no balcão ficou em R\$ 70,75/saco (no ano passado, nesta época, o saco de soja no balcão gaúcho valia R\$ 60,38). Portanto, a soja registra um ganho nominal de 17,2% em seu preço, ou R\$ 10,37/saco. Já os lotes fecharam esta semana, mais curta devido aos feriados de Páscoa, entre R\$ 75,00 e R\$ 76,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes giraram entre R\$ 78,00/saco em Campos Novos (SC) e R\$ 63,50/saco em Sorriso (MT), passando por R\$ 64,00 em Goiatuba (GO); R\$ 65,00 em São Gabriel e Chapadão do Sul (MS); R\$ 69,00 em Pedro Afonso (TO); R\$ 72,00 em Uruçuí (PI); e R\$ 74,00/saco no centro e norte do Paraná.

A colheita da soja no país recuperou o ritmo atrasado e atingia a 65% da área nacional em 23/03, ficando exatamente na média histórica, porém, ainda abaixo dos 70% colhidos no ano passado nesta época. O Rio Grande do Sul, até a data indicada, havia colhido 14%, o Paraná 78%, Mato Grosso 95%, Mato Grosso do Sul 97%, Goiás 73%, São Paulo 80%, Minas Gerais 63%, Bahia 24%, e Santa Catarina 25% (cf. Safras & Mercado).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços da soja no período entre 08/03/2018 a 29/03/2018.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 08/03/2018 e 29/03/2018 (CBOT)

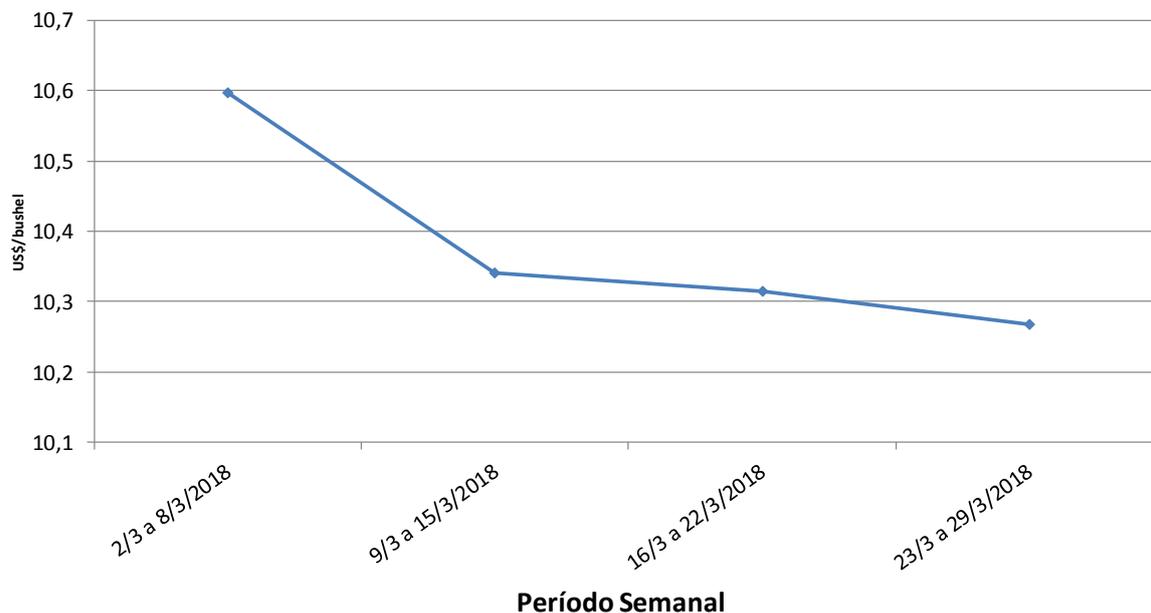
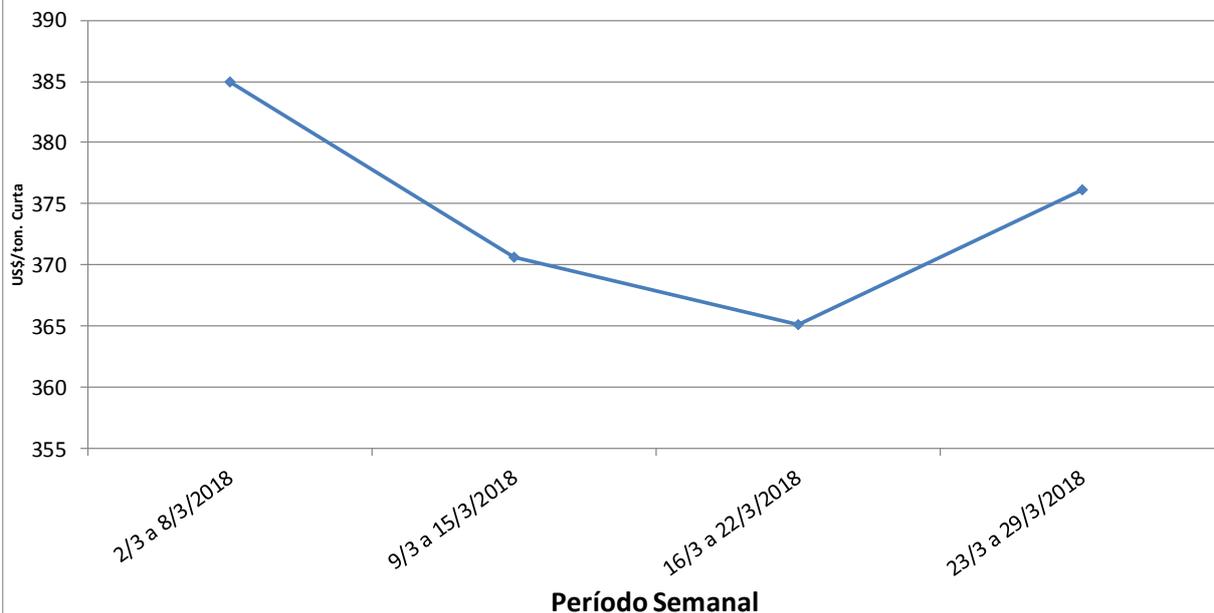
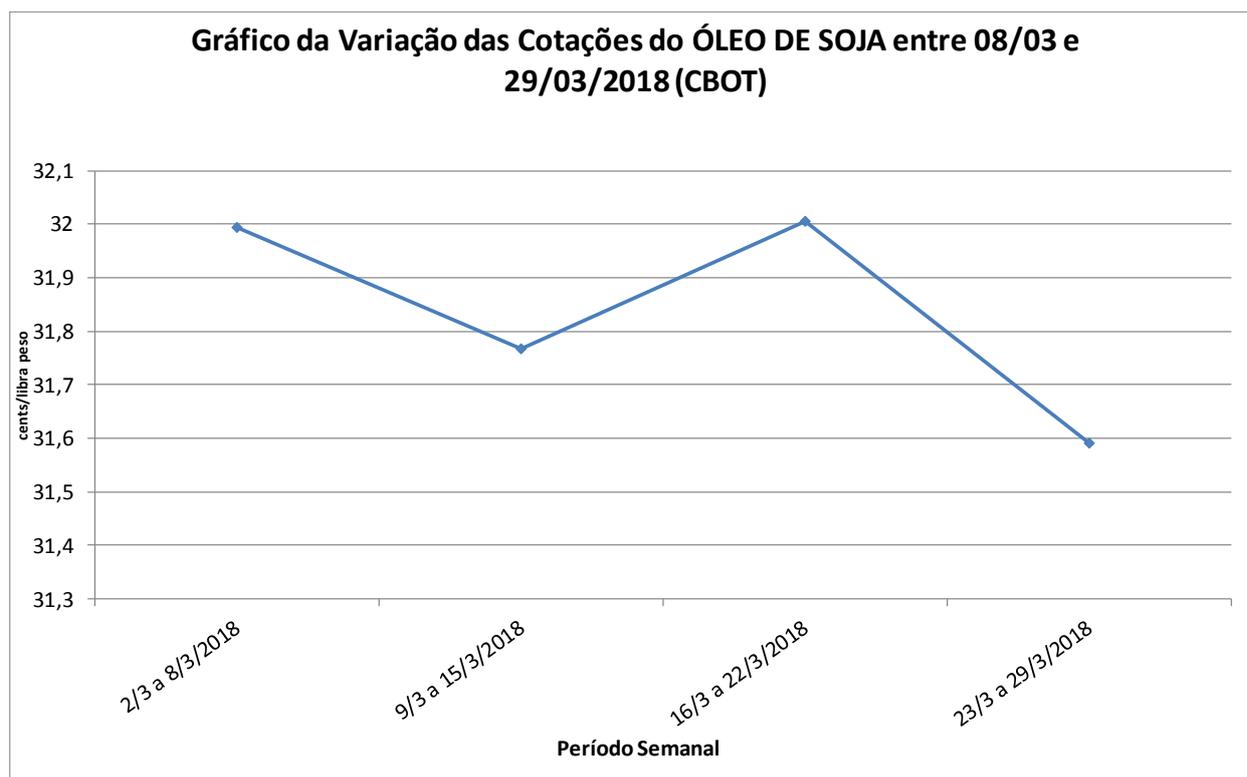


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 08/03 e 29/03/2018 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago ficaram bastante estáveis durante boa parte da semana, na expectativa dos relatórios de intenção de plantio e de estoques trimestrais nos EUA. Na véspera do anúncio dos relatórios (28/03), o fechamento naquela Bolsa havia sido de US\$ 3,73/bushel. Com os números do relatório as cotações do milho igualmente subiram no dia 29/03, com o fechamento ficando em US\$ 3,87/bushel, contra US\$ 3,76 uma semana antes.

O relatório de intenção de plantio apontou um recuo de 2% na área a ser semeada com milho nos EUA. Com isso, tal área deverá atingir a 35,6 milhões de hectares, enquanto o mercado esperava uma área de 36,1 milhões de hectares. Um número altista, portanto, especialmente porque a área a ser semeada com milho ficará, pela primeira vez desde 1983, menor do que a área de soja.

Por sua vez, o relatório de estoques trimestrais, na posição 1º de março, indicou um volume de 225,9 milhões de toneladas em 2018, contra uma expectativa do mercado em 221 milhões. O volume anunciado significa 3% acima da situação existente em 1º de março de 2017.

Portanto, em síntese, pesou mais, no curto prazo, o relatório de intenção de plantio sobre as cotações em Chicago. E, como no caso da soja, o clima nos EUA passa a ser o elemento central das preocupações em Chicago, já que o milho começa a semeadura em meados de abril naquele país.

Afora isso, a semana assistiu ao anúncio de que as vendas líquidas de milho, por parte dos EUA, para o ano 2017/18, atingiram a 1,47 milhão de toneladas na semana encerrada em 15/03. Tal volume ficou 23% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Mesmo assim, o volume final ficou dentro das expectativas do mercado.

Por sua vez, na Argentina a colheita do cereal chegou a 13% da área no início desta última semana de março, sendo que a mesma está, agora, estimada em 32 milhões de toneladas, ficando 9 milhões abaixo da expectativa inicial. Os argentinos semearam 5,4 milhões de hectares de milho neste ano comercial, contra 5,1 milhões na safra passada (cf. Safras & Mercado).

Ainda na Argentina, a tonelada FOB de milho ficou cotada a US\$ 184,00, enquanto no Paraguai a mesma fechou o mês de março em US\$ 180,00.

No Brasil, os preços se mantiveram firmes no sul do país, enquanto começaram a recuar em São Paulo. Assim, a média no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 33,26/saco. No ano passado, nesta época, o milho valia R\$ 21,78/saco. Portanto, em um ano há um ganho nominal de 52,7%, ou seja, R\$ 11,48/saco. Nos lotes, o valor médio ficou entre R\$ 40,00 e R\$ 41,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais os lotes de milho giraram entre R\$ 22,00/saco em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 40,50/saco em Concórdia (SC).

Quanto à safrinha, Goiás trabalhou com valores entre R\$ 25,50 e R\$ 26,00/saco na oferta e compradores apontando R\$ 24,00, fato que impediu a realização de negócios. No Mato Grosso a safrinha esteve negociada entre R\$ 17,00 e R\$ 19,00/saco, para julho e agosto, porém, os produtores buscam vender a partir de R\$ 20,00/saco.

Dito isso, no mercado paulista já é notada maiores vendas por parte dos produtores e cooperativas, levando a um recuo dos preços do cereal. Na região da Sorocabana, na segunda metade da semana, houve negócios ao redor de R\$ 36,00/saco, enquanto o referencial Campinas teria recuado para valores de R\$ 40,00/saco CIF. Ajudou neste comportamento o fato de que a safrinha de milho se desenvolve bem no país, apesar de alguns problemas pontuais em Goiás e Minas Gerais (cf. Safras & Mercado).

Neste contexto, há expectativas de que o preço do milho, no Sudeste brasileiro, recue um pouco mais nas próximas semanas, salvo se houver problemas nas lavouras da safrinha. Assim, não se descarta a possibilidade de o CIF Campinas retornar para níveis de R\$ 37,00/saco, embora ainda seja cedo para uma certeza neste sentido.

Paralelamente, na BM&F o contrato setembro tenta atingir o nível da paridade de exportação, porém, não há praticamente negócios nos portos nacionais com milho safrinha. Neste caso, o câmbio e o comportamento de Chicago deverão definir o quadro de valores para o referido mês.

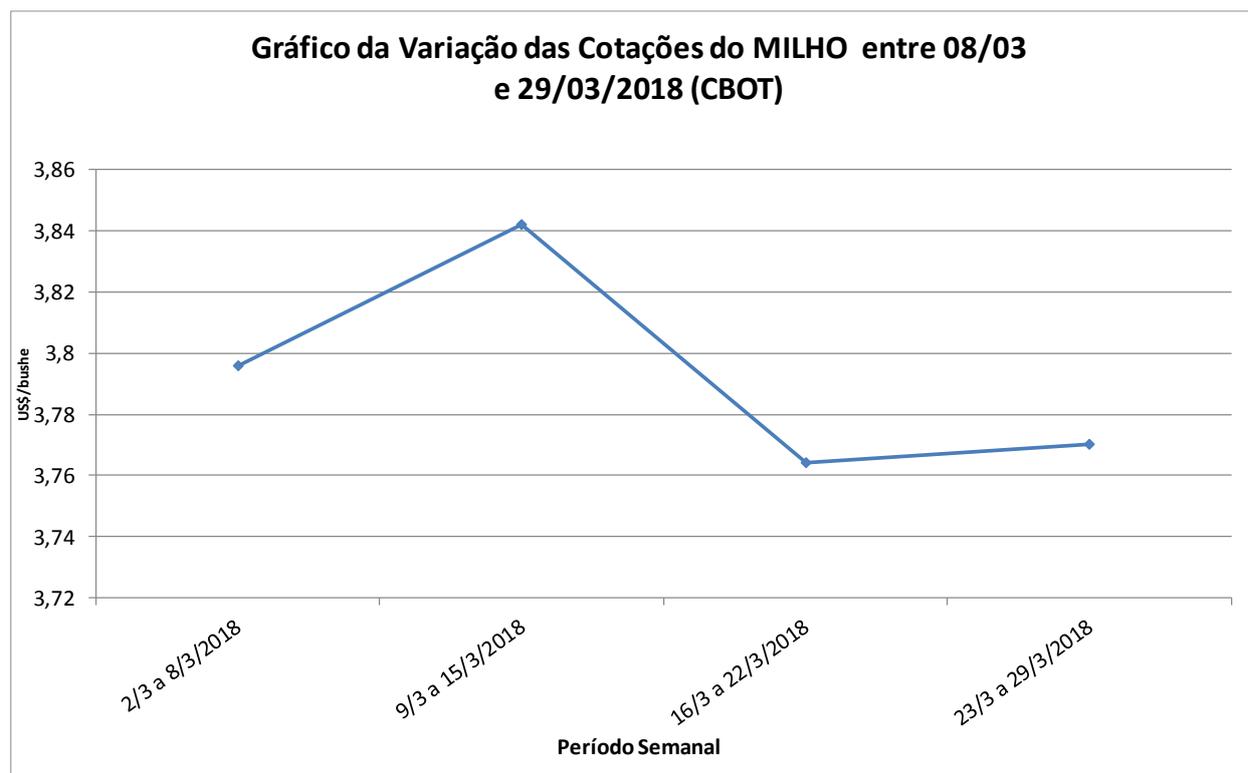
A estimativa para a segunda safra brasileira de milho continua em 59,5 milhões de toneladas, enquanto para a safra de verão a mesma atinge a 24 milhões de toneladas. Com isso, a expectativa final é de uma safra total de 83,5 milhões de toneladas no Centro-Sul brasileiro. Somando-se o volume esperado para o Norte/Nordeste, de 5,9 milhões de toneladas, o Brasil colheita, no atual ano comercial 2018/19, um total de

89,4 milhões de toneladas de milho, contra 107,9 milhões um ano antes. Ou seja, teríamos uma produção 17,1% menor do que a do ano anterior (cf. Safras & Mercado). Esta realidade justifica as elevações dos preços internos no momento, porém, os altos estoques de passagem do ano passado seguram o movimento nos atuais níveis e, até, permitem que ele diminua na medida em que a safrinha não sofra problemas climáticos.

Dito de outra forma, se não houver frustrações na safrinha nacional deste ano, é possível que o mercado tenha visto os melhores preços do milho ocorrerem neste mês de março. Todavia, para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que são importadores líquidos, a quebra da safra local tende a trazer mais pressões sobre os preços. O Rio Grande do Sul, por exemplo, deverá colher apenas 4,6 milhões de toneladas de milho neste ano, contra 6,0 milhões no ano anterior. Já Santa Catarina colheria 2,4 milhões, contra 3,3 milhões de toneladas um ano antes (cf. Emater e Conab).

Enfim, quanto à colheita da safra de verão, a mesma atingia, até o dia 23/03, a 56% da área do Centro-Sul brasileiro, sendo 88% no MS; 84% no RS; 69% em SP; 68% em SC; 55% no PR e no MT; 42% em GO/DF; e apenas 20% em MG. Já o plantio da atual safrinha, na mesma data, chegava a 97% da área total esperada no Centro-Sul brasileiro (cf. Safras & Mercado).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 08/03/2018 a 29/03/2018.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago voltaram a recuar em boa parte desta semana, chegando a US\$ 4,45/bushel no dia 28/03, véspera dos relatórios do USDA. Mesmo com a intenção de plantio apontando um aumento de área de 3% sobre o ano anterior, as cotações em Chicago, na quinta-feira (29) subiram, fechando o dia em US\$ 4,51/bushel (uma semana antes elas estavam em US\$ 4,55). Ajudou a este movimento contraditório o fato de que os estoques trimestrais de trigo, na posição 1º de março, terem sido reduzidos em 10% sobre igual momento do ano passado. Com isso, os mesmos atingem a 40,5 milhões de toneladas naquela data. Além disso, a pressão altista da soja e do milho puxou igualmente o trigo, pelo menos nesta quinta-feira (29/03).

Dito isso, a semana trabalhou pressionada pelas recentes chuvas que ocorreram nas regiões produtoras dos EUA, favorecendo as lavouras de trigo que vinham sofrendo com a seca. Ao mesmo tempo, a fraca demanda pelo trigo dos EUA, no mercado internacional, ajudou a completar o quadro baixista até o anúncio do relatório de intenção de plantio.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação viu seu preço subir e se estabelecer entre US\$ 190,00 e US\$ 240,00. Especialmente na Argentina, onde a mesma não ultrapassava a US\$ 200,00 até a semana anterior, agora atinge os US\$ 240,00 em diferentes portos de embarque.

Aqui no Brasil o preço continuou melhorando, mesmo que lentamente. A média gaúcha no balcão subiu para R\$ 32,77/saco, contra R\$ 28,18 um ano antes nesta mesma época. Ou seja, assim como o milho e a soja, o trigo também registra melhoria nos preços neste final de março. O ganho nominal, em relação ao ano passado, é de 16,3%, ou seja, de R\$ 4,59/saco. No Paraná, o balcão passou a valer entre R\$ 34,00 e R\$ 37,00/saco e em Santa Catarina entre R\$ 32,00 e R\$ 35,00. Já nos lotes, o Rio Grande do Sul fecha o mês de março em R\$ 36,00, enquanto o Paraná registra valores entre R\$ 42,00 e R\$ 43,20/saco. Santa Catarina, por sua vez, registra R\$ 37,20/saco nos lotes.

Este avanço nos preços tem como motivo, além da pouca oferta local devido a frustração do ano passado, a nova desvalorização do Real que, nesta semana, voltou à casa dos R\$ 3,32 em alguns momentos. Como já alertamos diversas vezes, um câmbio acima de R\$ 3,30 tende a valorizar o trigo nacional, pois deixa as importações mais caras.

Soma-se a isso o fato de que a logística brasileira não é suficiente para dar conta das safras de verão e inverno ao mesmo tempo. Como as atenções estão voltadas para a colheita de verão, o custo do frete sobe atingindo os negócios com os produtos de inverno igualmente. Por fim, alguns moinhos voltaram às compras neste final de março.

Pelo lado externo, houve o encarecimento da tonelada exportada pela Argentina, com a mesma ganhando US\$ 40,00 nos últimos dias. Como o Brasil importa cerca de 90% de suas compras externas de trigo do vizinho país, tal alta favorece a recuperação dos preços do cereal brasileiro, especialmente o de qualidade superior que está muito escasso. Dito de outra maneira, a importação de trigo ficou mais cara e a demanda

nacional passou a buscar o pouco que resta do produto interno, confirmando a tendência apontada há algumas semanas.

Assim, caso os preços na Argentina não baixem e o câmbio no Brasil permaneça acima dos R\$ 3,30 por dólar é possível que o cereal brasileiro continue sendo mais valorizado nas próximas semanas. Obviamente, muito deste comportamento irá depender de as cotações em Chicago não recuarem mais do que os níveis atingidos neste final de março.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 08/03/2018 a 29/03/2018.

